



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

12 de Fevereiro de 2011 • Ano LXVII • N.º 1746

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



ORDENAÇÃO DE DIÁCONO DO NOSSO QUIM

Padre João

ONTEM, dia 30 de Janeiro, IV Domingo do Tempo Comum, foi mais um daqueles dias especiais para a Obra da Rua — concretamente para a Casa do Gaiato de Malanje. Na Sé Catedral de Malanje, foi ordenado Diácono o Quinzinho. Este jovem de 29 anos é filho de um antigo gaiato, o António, mais conhecido pelo nome de Stel, professor, ainda a exercer docência junto dos seus irmãos gaiatos, na Casa do Gaiato de Malanje.

Há muito tempo que o Quinzinho manifestara desejo de dedicar a sua vida ao serviço da Obra da Rua em África. Desejo, acarinhado por todos, principalmente pelo Padre Telmo. Chegou agora o momento de dar um passo decisivo na sua vocação: a sua ordenação de Diácono. O segundo passo será o da Ordenação Sacerdotal, já agendada para o dia 16 de Julho de 2011 — Um dia muito significativo

para a Obra da Rua: O dia do nascimento de Pai Américo para o Céu. Será pois o dia da sua ordenação sacerdotal.

Associamo-nos à alegria do nosso Padre Telmo, pai daquela grande família da Casa do Gaiato de Malanje há muitos anos. Vê-se agora reconfortado, neste gesto de Ordenação Diaconal do Quinzinho — um neto seu, um neto da Obra da Rua.

Igual alegria, há-de experimentar o nosso Padre Rafael que, com Padre Telmo, compartilha a paternidade daquela Casa do Gaiato, agora, em primeiro plano.

A Dom Luís Maria, actual Bispo de Malanje, que no-lo oferece para a Obra da Rua, em nome dos Pobres mais Pobres do seu povo, vai a nossa profunda amizade e gratidão.

Vamos pedir ao Senhor da Messe que o Quinzinho seja fiel no seu sim a Deus e à Igreja, no serviço das crianças e dos mais

abandonados daquelas terras de Angola.

Encontre ele em nós, os Padres da Rua, mais velhos, o testemunho e apoio necessário para a fecundidade do seu trabalho, ao serviço da Obra da Rua, ao serviço dos mais pobres; contamos com o seu entusiasmo e o seu vigor apostólico, como estímulo.

Desejamos que os nossos amigos, assinantes de O Gaiato, «a família de fora», comunguem desta nossa alegria que o é, em sentido pleno para a Igreja e para a Obra da Rua.

Na proximidade da festa da Apresentação do Senhor, colocamo-lo nas mãos maternais de Maria, Mãe dos sacerdotes, Mãe dos consagrados, para que Ela o ajude a ser fiel e perseverante na sua consagração ao Senhor e aos mais pobres — os seus preferidos — naquelas terras de Angola. Por ele, ficamos a rezar. □

O MEU TESTEMUNHO

Diácono Quim

NO passado dia 30 de Janeiro de 2011, a Casa do Gaiato de Malanje viveu, e testemunhou com grande júbilo e gratidão a Deus, pela resposta generosa daquele apelo que ouvimos sempre: «Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações». Trata-se da minha ordenação diaconal, um acontecimento que há muito se esperava com grandes expectativas quer a nível diocesano como também no seio da família da Casa do Gaiato.

De quem se trata afinal? Porquê os gaiatos de Malanje e não só, exultaram de alegria neste dia? Hoje, eu sou o diácono Quim, (ontem Quinzinho, como carinhosamente era tratado na Casa do Gaiato, quando era mais pequeno), tenho 29 anos de idade, sou natural de Malanje, sou o filho mais velho dum antigo gaiato que se chama António, mas aqui os rapazes o tratam com carinho com um novo nome: professor Stel. Por isso me considero com muito orgulho um neto do grande padre Telmo que me ensinou a dar os primeiros passos para poder dar uma resposta ao convite de Deus para trabalhar na Sua messe.

Vim para a casa do gaiato no dia 7 de Outubro de 1992. Aqui encontrei uma verdadeira família. Da qual nunca quis me separar até a altura em que ingressei no Seminário. Naquele momento o gaiato já tinha sido para mim o meu primeiro seminário. O exemplo, a vida de doação total do senhor padre Telmo estiveram na base da descoberta da chamada de Deus na minha vida para esta tão grande e nobre missão.

A vocação é um grande mistério é um dom de Deus, eu não tenho nada de especial em relação a outros jovens para a merecer. É uma oferta maravilhosa que Deus fez para mim. A única coisa que fiz foi ser fiel ao ideal de vida que Deus colocou em mim desde tenra idade, o que me levou a acolher este grande presente da vocação sacerdotal. E nada mais.

Ingressei no Seminário Maior de São José em Malanje em 2001. Desde esta data fiz os estudos propedêuticos até ao ano 2003. Nos anos 2004 a 2006 estudei Filosofia no mesmo Seminário. Em 2007 Ingressei no Seminário Maior Arquidiocesano de Luanda onde estudei Teologia durante quatro anos.

Depois de um longo percurso de formação que durou dez anos, finalmente em Dezembro do 2010 regressei à Diocese como finalista dos estudos eclesiais. Depois de um tempo de pastoral, mesmo na Casa do Gaiato, com a graça de Deus e o testemunho do povo cristão o Bispo da Diocese de Malanje, sua Excelência Reverendíssima Dom Luís Maria, ordenou-me diácono na presença do clero diocesano, de vários religiosos e religiosas.

Continua na página 2

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

TENHO distribuído todo o dinheiro chegado, saboreando o alívio fornecido aos Pobres e dando graças a Deus pelas maravilhas que Ele faz através de nós.

Duas dívidas com ameaça de arresto de bens, ficam à espera. É uma prova que faz bem suportar, pois ela traz consigo sérias lições para a vida.

A maior parte do meu tempo, que deveria ser gasto aos serviços dos Rapazes, é desviado para os Pobres de fora.

Ontem, Domingo, não fiz outra coisa senão atender aflições e esta manhã, mesmo a escrever para O GAIATO, já escutei três desesperos.

Vamos acudindo como podemos mas também nos domina um certo pessimismo. Não vemos projectos que ocupam trabalhos simples onde os Pobres, ignorantes possam ganhar a sua sustentabilidade.

Há duas décadas havia o mar, a agricultura e a construção civil em grande pujança. Hoje o mar está fechado e para tudo é preciso dinheiro, sendo a vigilância actualmente muito apertada. A agricultura, perto da cidade, morreu toda e a construção civil, reduziu-se a quase nada.

Uma senhora com três filhos pequeninos agarrados a ela, tendo

deixado dois em casa, com o marido desempregado há um ano, trazia-me as facturas do gás com grito angustioso: «Há três dias que não cozinho nem aqueço água. Até o contador me levaram». Foram trezentos e sessenta e cinco euros.

A cara dela e das crianças transparecendo fome e desaconchego, confirmava a verdade dos seus gemidos. Não me falou em renda de casa. Suplicou só, apenas, que pagasse o gás.

Enchemos-lhe sacos de pão, fruta e algumas verduras e trouxemos-la à cidade com as crianças.

Um homem, dos seus 45 anos, voltou segunda vez e quase exigia que pagasse a renda de casa ameaçando matar-se.

Naturalmente que dar valores em casa, sem conhecer bem as situações, e irmos atrás de desesperos, nunca foi o nosso modo de acudir.

Tomei nota da sua morada, do número de filhos (três), do trabalho da esposa a qual faz umas horas de limpeza por semana e, depois, fui-lhe dar pão, um saco cheio. Pediu-me hortaliça para fazer uma sopa e a senhora ainda lhe arranhou maçãs e bananas.

Quando cheguei junto dele com o saco destes últimos géneros o homem comia pão à boca cheia e

mal olhou para o saco das bananas descascou rapidamente uma e meteu-a na boca. Verdadeiramente este meu irmão estava cheio de fome. Eram cinco horas da tarde. Eu já tinha comido o pequeno-almoço e o almoço; ele quebrava o jejum a essa hora.

«Não se esqueça de mim, venha ver a minha miséria!» — Balbuciou, a chorar na despedida.

Pelas dez da noite voltou, pela segunda vez, outra senhora, com quatro filhos, a pedir que lhe acudisse, pois deve quatro meses, a trezentos e setenta e cinco euros e a senhoria ameaçou-a de lhe cortar a água e a luz se não pagasse. Tinha prometido visitá-la ou mandar lá alguém e até hoje não o fiz.

Dei-lhe cem euros em dinheiro e prometi-lhe, que no meio de Fevereiro iria em seu auxílio. Está com baixa há quatro meses mas não recebe nada visto que o patrão não desconta. «Que quer? Temos que nos sujeitar. Já estou de novo a trabalhar e porei a minha vida em ordem».

Nestas circunstâncias actuais a vida é mesmo assim. Nem rei nem roque. É preciso viver.

A gente não pode. A pobreza parece que só conhece este cami-

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A CRISE E O ESSENCIAL — O período de crise económica que estamos a atravessar faz aumentar as situações a precisarem da ajuda dos Vicentinos e doutras organizações de acção social e faz diminuir, em termos relativos, os recursos destas organizações para acudir a essas situações. Isso obriga a ser-se mais criterioso do que antes na escolha das pessoas a quem se deve ou não ajudar e na escolha das formas de ajuda. Muito mais do que antes é preciso estar-se atento para que a ajuda não seja incentivo à preguiça, ou ao desperdício. É preciso estar-se atento para saber se em vez de dinheiro ou outros bens, será preferível outro tipo de apoio. É preciso estar-se ainda mais atento do que nunca a tudo o que possa contribuir para tornar as pessoas cada vez mais autónomas e menos dependentes do apoio dos outros.

Por isso, agora mais do nunca pode ser preciso cortar com certas ajudas, ou modificá-las na forma. Mas cortar não pode ser cortar no que é essencial. Cortar, não pode ser fazê-lo de forma injusta. Por isso, agora mais do que nunca, é preciso atenção ao que é essencial. Agora, mais do que nunca, é preciso atenção à justiça.

Não posso deixar de estabelecer aqui uma relação com o Evangelho da Festa da Apresentação do Senhor que acontece no dia em que esta crónica vai para a tipografia. Simeão esperou muito tempo até poder ter nos seus braços o Menino. Procurou o Essencial e quando o alcançou foi em paz.

Que Deus nos ajude a procurar o Essencial e a fazê-lo com Justiça. Depois disso, tal como Simeão, também poderemos ir em Paz.

P.S.: Uma palavra de agradecimento e um pedido de desculpas para a Dona M. H. Brito e para a Dona F. Guiné. Os vossos contributos chegaram bem e vão ser distribuídos como pedistes.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

MALANJE

Padre Rafael

ESTAMOS no início de um novo ano e temos de preparar o edital geral, para que cada rapaz saiba a tarefa que irá desempenhar, para servir e ajudar no apoio ao bom funcionamento da Casa.

Em primeiro lugar, temos de eleger os chefes para as diferentes casas: dois para a casa dos «Batatinhas», dois para a casa dos pré-adolescentes, dois para a dos adolescentes e um para a casa dos jovens. Depois, escolher os chefes das diferentes áreas: Despensa, compras, cozinha, sala-de-jantar, agricultura, costura, serração, carpintaria, mecânica, serralharia, desporto e educação, biblioteca, enfermagem, administração, manutenção, limpeza, etc. São 24 áreas. Finalmente, o resto dos rapazes será colocado a colaborar nas diferentes chefias.

Todos temos consciência do dever de cumprir com as nossas obrigações e com aquilo que a Casa nos pede, pois fomos recebidos por ela com todo o amor e generosidade. Todos sabemos que somos livres de partir ou ficar, pois que somos uma Casa de portas abertas. Todos sabemos que temos de trabalhar muito a sério e aproveitar a oportunidade para melhorar as nossas virtudes e fazer desaparecer, pouco a pouco, nossos defeitos. Todos sabemos que o amor e o carinho curam quase tudo.

Há dias, chamámos o nosso Doni que já trabalha, e terminou há cerca de um ano, o curso de sociologia. Ele sabe que, em nossa Casa, os rapazes desejam seguir em frente e que necessitam, às vezes, de um conselho e incentivo de um irmão mais velho. Fruto deste pensamento, decidiu-se criar, num futuro breve, uma associação de antigos gaiatos de Malanje. De momento, já nos visitaram e fizeram vários encontros com os rapazes, para lhes dar ânimo e alguma orientação. E, como não podia deixar de ser, juntaram algum dinheiro das suas poupanças e compraram um pequeno fogão para a cozinha, utensílios vários, copos, talheres e alguns presentes para os mais pequenos. Quem disser que a Casa do Gaiato é um orfanato, diz mentiras — é uma grande família, assim nos queiram ver!

Com a aproximação do Natal, informam-nos que um dos nossos pequenos tem sida e que o nível das defesas havia diminuído abaixo das duzentas. Perante uma situação tão complicada, para o rapaz e para toda a Casa, decidimos consultar os chefes. A resposta foi unânime: «Fica connosco, é nosso irmão»; poucos dias depois o moço apanhou uma bronquite e paludismo. Espero que Deus nos dê tempo para podermos fazê-lo sentir que tem uma família, onde o seu pai não o abandona nem a sua mãe morre com sida. □

O MEU TESTEMUNHO

Dácono Quim

Continuação da página 1

Foi uma cerimónia muito bonita, cheia de luz e cores. Não faltou o toque do batuque ao ritmo da dança entre o incenso que subia para Deus como oração e as flores que faziam de tapete alcatifado no chão da catedral.

Notava-se nos rostos das pessoas uma grande alegria que vinha certamente de corações agradecidos.

Depois da cerimónia eucarística seguiu-se o almoço, este foi um grande momento para todos os rapazes, porque o almoço aconteceu na nossa Casa do Gaiato a beira da nossa lagoa. Entre a sombra das árvores e a frescura da água, as mesas postas fizemos a nossa festa como uma grande Família. Havia para todos. Que grande alegria, o que se pode querer mais para dizer a Deus Pai:

— Muito obrigado! □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

CAPELA — Como tem chovido menos, nestes dias, isso ajudou a retomar o seu arranjo exterior, no que se refere à pintura e janelas da casa anexa. Os Amigos de Valongo e uma Amiga, de Lisboa, marcaram logo presença com a sua partilha. Chegou por e-mail o excelente e recente *Relatório de Inspeção e Diagnóstico* da nossa Capela, efectuado no local pela Eng.^a Esmeralda Paupério, do Instituto da Construção da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, com a colaboração do Prof. Cat. Aníbal Costa e Eng.^a Catarina Costa. É um documento precioso que esta Casa muito agradece, reconhecida. Bem-hajam!

AGROPECUÁRIA — Tem-se sentido muito frio também por estas

bandas, no sopé da serra da Lousã, com a malta a tiritar de manhã cedo e à noite, e as geadas a verem-se nos campos.

Conforme tem sido costume, em terrenos disponíveis (terras dos grilos, do poço novo, do *Ti Jaime* e do olival dos poços), fresaram-se essas terras e semearam-se 60 sacos de sementes de aveia, para palha de corte, que foram comprados.

Quem dera que cresça e produza bem e afaste as ervas daninhas, como a junça.

Com os trabalhos agrícolas, as fresas desgastaram-se, pelo que foi preciso arranjar-las. Sem essas alfaias e o tractor, não se podiam fazer as nossas sementeiras, para que os campos não fiquem a monte.

FESTAS — Para que muitos dos nossos Amigos não falem, nas próximas festas da Obra da Rua, anunciamos já que a festa em Coimbra será a 11 de Junho, Sábado, pelas 15.00h, no Teatro Académico de Gil Vicente, com a colaboração das outras Casas do Gaiato. Vamos também colaborar na festa organizada pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no Coliseu do Porto, a 21 de Maio. Temos de nos preparar bem para estes espectáculos. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 47.867 exemplares

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — A participação da Casa do Gaiato no jogo de futebol, organizado pelo Atlético Clube de Croca, podia ter sido o melhor resultado, até agora alcançado, pelos nossos Rapazes, fora de casa, e em jogos disputados com os Juniores da A. F. Porto, se não fosse os dois auto-golos do nosso defesa central.

O nosso Grupo Desportivo marcou um lugar de relevo em Penafiel, pelo seu espírito desportivo, pelo brio e de decoro, no qual, sem o mínimo de exagero, ultrapassamos todas as expectativas. A crítica feita no local — por gente da terra — foi positiva, ouvindo-se dizer aqui e ali, que tínhamos capacidade para fazer mais e melhor.

A vitória, foi a justa recompensa da seriedade com que se encarou o jogo, logo a partir do primeiro minuto.

Em situações de esmero por parte dos Rapazes, Pai Américo dizia: «(...) Eu queria chamar-lhes os *verdadeiros grandes*, mas este adjetivo anda agora tão baratinho, que eu prefiro dar-lhes simplesmente o nome de *Rapazes admiráveis*». Foi o que eles foram: *admiráveis* e elogiados por toda a gente!

Resultado final: Atlético Clube de Croca 3 — Casa do Gaiato 4. Dos seis golos que marcamos, só quatro contam para nós! Bruno (2), um dos quais de se lhe tirar o chapéu; Erickson (1), podia ter bisado se fosse mais comedido, e Octávio (1).

Fomos muitíssimo bem recebidos por todos, particularmente pelo presidente, tesoureiro e treinador, não esquecendo o senhor Sérgio, que é o homem que nos atende o telefone. No final, foi oferecida uma merenda/convívio a todos os intervenientes no jogo. □

LAR DO PORTO

Casal Vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É de lamentar que mais uma vez os nossos irmãos mais carenciados venham a sofrer a crise que foi criada pelos nossos governantes, que tanto prometeram para ganhar votos do Povo mas que lamentavelmente deixaram que o nosso País caísse numa crise em que se tentam culpar uns aos outros, mas o que é certo é que os pobres continuam mais pobres e agora estão a surgir mais pobres e alguns que nunca imaginaram que esta situação lhes batesse à porta, vêem-se confrontados com contas para pagar e não sabem como.

Alguns como tinham uma vida estável, fizeram créditos que agora não sabem como pagar, porque infelizmente com tanta facilidade em ceder financiamentos as pessoas por vezes não fazem contas e depois é de bradar aos céus, porque neste momento, com o desemprego e algumas empresas a dispensar pessoal, começamos a ter conhecimento de famílias perdidas, porque não sabem como vão honrar os seus compromissos.

Há dias foi-nos apresentado um pai divorciado com o filho a seu cargo que está desempregado com 400 euros/mensais, que tem uma dívida de renda de casa com atraso de 8 meses a 325 euros/mês e que o senhorio lhe quer fazer a ordem de despejo, mais a dívida da luz no valor de 300 euros

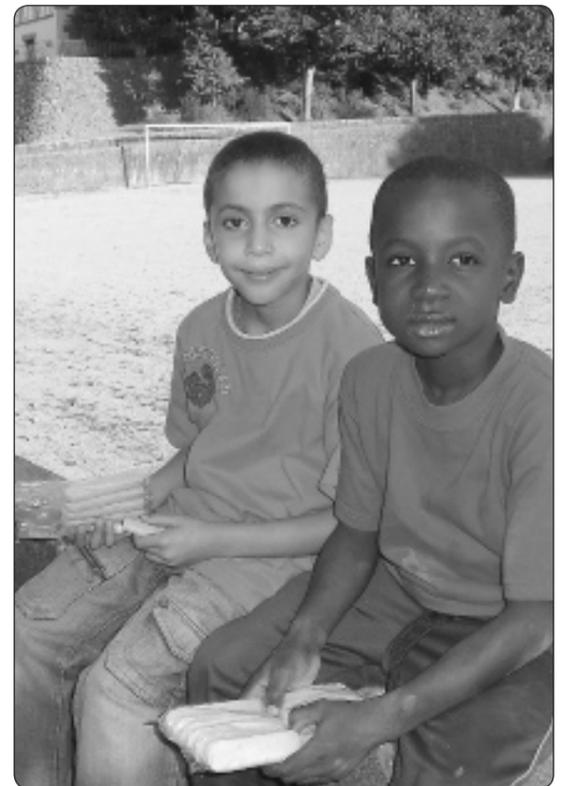
que está a pagar em prestações à EDP. Como é que este pai pode sobreviver, tem a profissão de picheleiro mas não lhe aparece emprego, só de vez em quando é que lhe aparece um biscate para fazer, mas está desesperado, porque não tem para onde ir, caso o senhorio lhe ordene a ordem de despejo.

A mãe é que lhe tem valido, porque dá-lhe o almoço e o jantar, mas como homem e pai não vê um futuro risinho.

Quanto ao filho, por vezes, de manhã, vai sem tomar o pequeno almoço para a escola, tentamos para este caso fornecer alguns géneros alimentares, quanto à dívida estamos a tentar que a Segurança Social o ajude, mas ele já tentou e até este momento ainda não lhe resolveram nada.

Já tentou junto da Câmara do Porto, obter uma habitação mais barata, mas não lhe aceitaram a inscrição, que só a partir de Junho é que estavam abertas as inscrições.

Quantas famílias como esta existem em Portugal, que neste momento está a passar mal, são muitas, só esperamos que todas elas encontrem alguém que as possa ajudar e que todos se unam para os ajudar, porque vai ser um período muito difícil, mas pensamos que se todos dermos as mãos, vamos conseguir ultrapassar mais esta crise, até porque nós os Portugueses,



infelizmente, já estamos habituados a que, de vez em quando, nos obriguem a apertar o cinto.

Fomos visitar esta semana uma das nossas pobres que foi internada num Lar em Gondomar, ficou feliz quando nos viu, fomos recebidos no seu quarto, estava muito feliz, disse que era muito bem tratada e isso constatamos, até porque falamos com a assistente social para ficarmos ao corrente de como ela se tem sentido e ficamos felizes em saber a forma em como eles trabalhavam, bem hajam a todos os funcionários que trabalham em Lares e que dão o seu melhor para permitirem que os utentes se sintam bem, o que não é fácil.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amiga, de Fiães, uma migalha; António Geada, um cheque; Dalila Calijão, 50 euros; Assinante 22890, 50€; Maria Emília, 10 euros; Virgílio, 30 euros; Assinante 72996, 20 euros; Albertina, vale de 10 euros; MCMG, 50 euros; Assinante 62575, 200 euros; Laurinda, 25 euros; Maria Luísa, 50 euros; Maria de Fátima, 50 euros; Maria Odete, Maria Cândida e Cristina Maria, 20 euros cada.

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso obrigado e que Deus esteja sempre presente nos vossos corações

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Luís Aleluia

É uma figura que se tornou notável em programas de televisão, particularmente, pela graça exalada na personagem do «Menino Tonecas».

Por ser nosso e por sempre nos ter amado e defendido, aparece de vez em quando com a sua família, dois meninos e a esposa, carregado de generosidade e de mensagem.

Faz bem, aos rapazes, a sua companhia. Pelo que ele foi, lembra-lhes o que eles são, e pelo que é, anima-os a atingir o que poderão ser amanhã.

É uma presença fortalecedora do ânimo dos rapazes e, que os consola.

Pedi-lhe que nos viesse ajudar a enaltecer a nossa festa. A sua experiência e arte, bem podem valorizar os nossos singelos actores.

Anda na Universidade, a licenciar-se em ciências da comunicação, aproveitando as novas oportunidades que o Ministério abriu para todos os cidadãos.

Quando me revelou esta nova ocupação respondi-lhe: — Olha o pardal a aprender a compor o ninho! — É que o Luís é um comunicador nato, possuidor de virtude natural.

Para subir os escadórios da Universidade, teve de apresentar um trabalho, a que chamou «Os dias contados», a ser examinado pela autoridade científica competente. Ofereceu-me uma cópia. Uma delícia reler os seus escritos. Um testemunho vivo e actual, de como o método educativo das Casas do Gaiato o influenciou positivamente, e o ajudou a lançar-se na vida.

Sótão

OS nossos sótãos estão prontos. Em Outubro os rapazes começaram a repor as madeiras arrancadas por via da chuva que as telhas não vedavam e do novo telhado que teve ser construído. Foi uma tarefa árdua por ser à pressa, mas os rapazes encararam-na a sério, aprenderam muito, exercitaram-se na arte dos

cortes, dos nivelamentos e acertos da madeira. Cheguei a ver três equipas a trabalhar ao mesmo tempo e, por fim, até o envernizamento foi obra deles.

Zezinho e Nuno Tavares distinguiram-se de todos pelo rendimento e perfeição do trabalho.

Os pequeninos ficam com um espaço enorme e aconchegado para brincarem.

O nosso guarda-roupa das festas que é rico, vasto e variado,

tem lugar à vontade para ser guardado. É um espólio de gerações de senhoras habilidosas sábias e sublimes, que ao longo de gerações elas foram confeccionando imprimindo-lhe a sua marca pessoal. Uma recordação muito saborosa!

Haverá dois salões para música e instrumental. Outro para computadores e guarda de material desportivo e outro ainda para biblioteca e sala de leitura.

Eu gosto muitos dos sótãos. Estes deixam-nos a vida cá em baixo. Ali tudo é silêncio e convite ao estudo, à reflexão e a orar.

Pode acontecer, que alguma vez, se transformem em esconderijos, para acções impróprias, mas não é pedagogia da Casa do Gaiato, banir drasticamente as oportunidades de fazer o mal. Este limpa-se no coração, por dentro do homem e nunca por fora, para evitar hipocrisias. □



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Duas lágrimas

PARA a vaga de frio de rachar, nada melhor do que ocupar e até bolas a rolar. Muitas nos pedem, pois ficam rotas ou levam sumiço. Depois das fartas tigelas de leite matinal, é difícil pegar nas tarefas, antes da Escola, que ainda é *Primária*. O dueto de manos Arménio e Luís, ditos das Zebras, não largam as prendas dos garruchos, cachecóis longos e luvas sem pontas, que eles vão cortando...

Se um deles vai tossindo, pois gosta de umas suadelas atrás do esférico, acontece que também nos tocou a nossa parte, com o Embaló, na afluência infantil à urgência. Foi uma noite de sobressalto, para a *senhora*, pois a dispneia era evidente e o seu coração não facilita a distração. Diagnosticado imediatamente e bem tratado, com sete anitos, comportou-se como um homenzinho, provado no crisol. Teve de permanecer internado alguns dias, ainda no velhinho Pediátrico, outrora convento, antes da mudança, cuja mística de acolhimento e tratamento é uma marca feliz. Quando se investe na criança, não morre a esperança. Num juramento dos primórdios, os curadores devem agir segundo a *ciência e consciência, sempre em prol dos doentes, e em santidade*.

Essas noites gélidas contrastavam com o bafo quente que vimos em muitos colos, em corredores e enfermarias. De máscara na boca, não vimos nele revolta, mas confiança, pois também tem ganho calo disto, até por um catecismo. Chegado o repouso da

noite, que naquelas paredes os dias não acabam, uma cardiologista tentou animá-lo, quando ele balbuciou: — *Vou passar aqui a noite?* Entretanto, duas lágrimas traçoceiras não se aguentaram nos olhitos e pingaram o chão, no qual estava em observação e em oxigenação. Evidentemente que queria dormir na sua casa, melhor, na casa-mãe. Mais, que lhe trouxesse um jipe que estava no seu quartito, próximo do João *bufão*.

Se havia mais de nove mil crianças em acolhimento, não é por toque de mágica que se vão retirar daí sem mais nem para quê, isto é, sem suporte familiar nem projecto de vida para autonomia. Generalizar em matéria social pode ser injusto.

Não é que, nesses dias, um Tribunal Judicial nos deu *10 dias para dizer o que tiver por conveniente*, sobre o dito rapa-

zito! Neste momento, esta é a sua família e que o marcará para sempre.

Quando estamos despertos, andaremos nós a descobrir nos outros o rosto de Cristo? Na verdade, a aprendizagem do Eterno feito Homem verdadeiro desmonta todos os esquemas. Certo é que o juízo definitivo não deixa dúvidas: *Adoeci e visitaste-Me*.

Isto também vai entrando neles, pois não esquecemos o que escutámos atentamente, numa viagem, galgando montes, proveniente de um banco traseiro, onde dialogavam dois garotos. O N'anso, esganiçado, dizia: — *Não conseguimos ver o Deus*. A que contrapôs o Rocha, com firmeza: — *Jesus é o nosso maior Amigo!*

Aquelas longas horas pediátricas, entre choros inocentes, acordaram-nos outra vez para uma verdade: o Senhor prefere sempre todos os que sofrem e nós precisamos d'Ele e deles.

Que o Médico divino nos dê a todos força para servir os verdadeiros Pobres, já que o Altíssimo nunca ninguém O viu... □



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

FOI com um «disseram-me que ajudam quem precisa!», que se nos apresentou uma mãe com seu pequeno filho ao colo. À pergunta do que necessitava, foi fazendo o relato da sua situação e urgentes necessidades.

Disse-lhe que a não conhecia, e perguntei-lhe se era conhecida do seu pároco; que precisava de o procurar e dar-lhe a conhecer a sua situação. Depois, se fosse necessário, veríamos.

Passaram-se poucos dias e voltou. O pároco tomou conhecimento da família, mãe e três filhos, e das suas dificuldades para viver. Comprometeu a paróquia em dar-lhe semanalmente géneros alimentares, pedindo a nossa colaboração noutra urgência que se lhes impunha: resolver uma dívida de rendas em atraso, já com processo judicial em marcha, de despejo.

Nós sentimo-nos obrigados a ajudar. A nossa vida é toda para cuidar dos Pobres. Só assim ela se cumpre. Haverá na terra alegria maior que servi-Lo?

Mas também vamos pensando: era bom e necessário que os cristãos nas suas paróquias buscassem, neste serviço, a sua parte. Fariam render o dom. Hoje, como no tempo de Pai Américo, é imperativo que «cada freguesia cuide dos seus pobres». Haverá melhor forma de anunciar a Boa Nova? Este foi o cuidado primeiro d'Aquele que é a própria Boa Nova.

Habitados que andamos nas últimas décadas a entregar a segurança dos pobres àqueles que se vão revelando incapazes de a sentir e garantir, é tempo de os amarmos fazendo-os nossos. De pouco servirá depois dizermos *Senhor, Senhor*, se não O virmos naqueles com quem Ele se identifica.

Aquela mãe, com pouco mais de quarenta anos de idade, sente-se desiludida com a vida e incapaz de sair da sua situação de dependência. As muitas entrevistas em busca de trabalho, terminam sempre no vazio. A idade, e os filhos que a prendem à vida, prendem-na também a esta situação.

Enquanto trabalhou, foi cumprindo o compromisso de pagar a renda. Com o desemprego, não mais a pagou. Os dois filhos mais velhos têm um pai que não assume obrigações, e só do mais novo vai recebendo alguma ajuda material.

As lágrimas começaram a rolar quando se lembrou de como se alimentam: «Passam-se dias em que só comemos sopa!»; é na escola que os filhos mais velhos vão tendo refeições mais completas.

O filhito nos braços, que para muitos é um peso, é para ela a força para vencer todo este desalento; é a esperança que impede o desespero. A expectativa de que o filho mais velho comece a trabalhar daqui a alguns meses, quando acabar o curso secundário, anima-a... Rezamos para que tal se confirme. □

BENGUELA

Padre Manuel António

A O escrever esta nota, oiço a Palavra que nos diz: «A felicidade está mais em dar do que em receber». É uma proposta desconcertante. Aceitá-la é um risco. Mas tem a garantia do Filho de Deus que a viveu até ao fim. A esta luz, feliz não é quem acumula e retém de forma egoísta os bens, mas quem, partilhando, se faz pobre para socorrer quem tem necessidade. Nesta hora, meus olhos e meu coração poisam no rosto de mais de 150 famílias, pais e mães, à porta da casa-mãe, à espera do pão que será o alimento para o mês inteiro. Os filhos estão em casa, com a garantia de que não lhes faltará o necessário para viver. A cena repete-se todos os meses. Doutra modo, ficariam prostrados no chão. É um braço pesado da nossa Cruz. Queremos levá-lo com muito amor. Por isso, a vossa ajuda é absolutamente necessária. É a condição da felicidade que tantoanseis!

Não é só do pão que precisam. A assistência médica e medicamentosa é companheira inseparável do alimento. Não lhes tem faltado, na hora precisa. Dais conta de que a atenção da Casa do Gaiato não se limita aos que vivem dentro das suas portas. Os

que estão fora e passam grandes necessidades, também fazem parte da grande família. Quem dera todas as famílias não sejam um mundo fechado. A felicidade do lar encontra a sua fonte no amor. Nem o espaço, nem o tempo, podem constituir uma barreira ao acolhimento dos braços estendidos com o coração a pedir ajuda. Na medida em que a partilha dos bens se torna uma regra da vida familiar, mais sólido se faz o alicerce da casa de família. O egoísmo mata. Só o amor dá vida. Mais feliz ainda é aquele que não espera, mas vai ao encontro de quem precisa.

Dentro dalgumas horas, viveremos momentos de alegria especial. Vão nascer mais três filhos no seio da nossa família. Estamos à espera. Há dias, fomos vê-los no ventre do bairro, muito degradado, numa casinha de pobreza extrema. A mãe destes filhos tem coração, mas falta-lhe o mínimo de capacidade, pela sua deficiência física, para os ajudar a crescer como filhos normais. O pai abandonou os filhos e a mãe. Não se sabe dele. Uma das chagas mais dolorosas da sociedade é, sem dúvida, o abandono dos filhos, pela parte do pai. A sociedade

civil, pela mão das autoridades competentes, devia sentir-se mais responsável, neste campo. Geram-se, deste modo, autênticas vítimas inocentes. A nossa carrinha foi à busca destas crianças. Dentro de pouco tempo, nascerão no seio duma nova família, a nossa Casa do Gaiato. Estamos à espera! Nenhum deles sabe o que é a escola. Os seus nomes já constam na lista das matrículas. As aulas começarão, dentro de dias. A seguir, virá outro filho, de cinco anos, para o nosso mundo. Já tem dois irmãos connosco.

A alegria será mais completa, quando pudermos receber mais filhos que esperam a hora. Será possível somente quando o grupo dos mais velhos, com mais de 22 anos, entrar na sua autonomia, fora da Casa do Gaiato. O emprego é uma condição indispensável. Continuamos a viver, nesta área social, com muitas dificuldades. Temos que esperar mais algum tempo.

Bati, há dias, à porta do senhor Ministro, no dia da inauguração dum Centro de Idosos, pertinho da nossa Casa do Gaiato, a ver se esta aflição entra no seu coração também. É, sem dúvida, um problema duma dimensão social a ter em conta. Vamos continuar a andar para a frente, de mãos dadas convosco. □

As Bem-aventuranças

NÃO é de serenidade o nosso tempo. Nem sei se algum tempo da História o foi. Durante o que vivi, ainda criança conheci algumas famílias de vida difícil porque os seus pais haviam sido atingidos pelos gases da primeira Grande Guerra. Depois foi a guerra civil em Espanha, era adolescente e já me apercebi. Logo a seguir a segunda Grande Guerra. A paz dela resultante logo se transformou em *Guerra Fria*, que lhe roubou o sabor ao longo de quase meio século.

Foi um tempo, sim, de extraordinário progresso científico e tecnológico que deu aos homens possibilidades de comunicação nunca imaginadas. Comunicar é um verbo feliz. O homem é um ser inteligente e comunicativo por natureza. Ao seu alcance ficou um poder de comunicação de bens, que não apenas científicos e técnicos, mas também capazes de os aproximar em níveis de vida que fizessem do mundo criado para todos realmente de todos. Não tem sido assim. Creio que é deste tempo a divisão que o classifica em mundos diversos, do primeiro ao terceiro, se não já ao quarto.

Nunca a Lei Natural, que é fundamento constitucional e modelo para todas as leis, foi tão maltratada ou omissa como neste *século de luzes*. Luzes que perversos usos tornam fictícias e cegam em vez de iluminar. A desobediência de Adão em que muitos dos seus filhos teimam, é uma constante na História a sabotar a felicidade dos homens, felicidade que todos desejam e Deus quer desde *aqui e agora*. Esta felicidade a procurar, em fidelidade ao Criador, é pois um dever de cada homem: um treino para felicidade perfeita, prometida, cuja omissão decerto pesará no Juízo Final. Não há descontinuidade entre a vida e a Vida, uma vez que «a vida não acaba, apenas se transforma». É realidade de que dão testemunho tantas «actas» que o martirologio relata; e vale também, embora sem a grandiosidade destas, para o martírio comum que sempre tempera a vida neste mundo.

É pois no homem, pelo homem, que esta ascensão começa. E foi a cada um que Jesus se dirigiu, «ao ver as multidões e, sentando-se, começou a ensiná-los, dizendo as Bem-aventuranças» (Mt 5/1-12a).

O Evangelho deste Domingo IV do *Tempo Comum* fez-nos recordar. É tal a importância desta doutrina para a autêntica orientação cristã de cada um de nós, que a Igreja-Mãe no-la repete muitas vezes ao longo do ano em várias oportunidades. Em cada uma das Bem-aventuranças, Jesus distingue mas não separa o presente do futuro: «Alegrai-vos e exultai — agora — porque é grande nos Céus a vossa recompensa — a Eternidade». O Senhor exorta os Seus discípulos à sabedoria de aceitar aqui as contradições e a convertê-las desde logo em felicidade.

Santo Agostinho reforça esta opção no seu Sermão 53/1: «É impossível encontrar quem não queira ser feliz. Haverá alguém que não corra com entusiasmo quando se lhe diz — vais ser feliz? Oiça igualmente de bom grado quando lhe dizem — se fizeres isto. Se aspira ao prémio, não se esquive ao combate». E acrescenta: «Queres que mais tarde o Reino dos Céus seja teu? — Vê agora de quem és tu. Sê pobre em espírito. Talvez me perguntes o que é ser pobre em espírito. Todo aquele que se incha não é pobre em espírito. Portanto o humilde é pobre em espírito. É alto o Reino dos Céus. Mas quem se humilha será elevado».

O *Sermão da Montanha* é uma concretização da profecia de Sofonias que ocupa a primeira leitura: «Procurai o Senhor, vós todos os humildes da terra, que obedecéis aos Seus mandamentos. Procurai a Justiça, procurai a Humildade».

E a Igreja-Mãe sabendo da nossa fragilidade para obedecermos aos Mandamentos, mesmo iluminados pelas Bem-aventuranças, propõe-nos como oração para este dia, uma prece-síntese dos Mandamentos: «Concedei-nos, Senhor nosso Deus, que Vos veneremos com toda a nossa mente e amemos todos os homens com afecto racional. Por Cristo Vosso Filho».

A meditação destes conceitos recebidos de Sofonias, do Evangelho, de Santo Agostinho, da Mãe-Igreja ajuda-nos a firmar na fundamentalidade da afirmação de Pai Américo: «Sem Humildade, nada!»

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

nho. Como eu gostaria que se dirigisse às paróquias, os pastores escutassem estes dramas, os conhecessem de perto e os pregassem nas homilias, mobilizando as suas comunidades que se alimentam d'Aquele que multiplicou os pães e saciou as multidões.

A Igreja Católica tem, neste País, uma palavra a dizer e já a disse, mas convém recordá-la continuamente e actualizá-la com casos vivos, não somente com teorias ou citações.

A fome do corpo também é fome de Deus e, muitas vezes, é pela sua saciedade, que Ele entra.

Ele teve frio, teve fome, peregrinou, adoeceu: — tu que O recebes na Eucaristia não Lhe voltarás as costas, perdendo, desta maneira, toda a compreensão do Mistério?!

Cristo é de ontem, de hoje e de amanhã e o seu Mistério passa através de gerações. Só o entende quem O vive. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

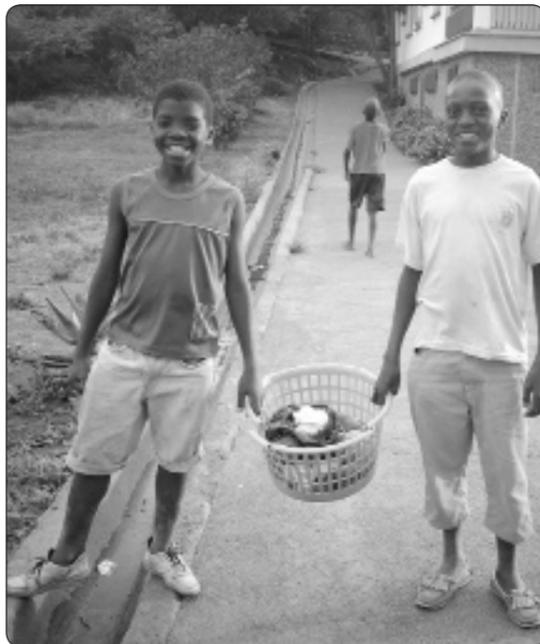
A preparação dos nossos que partem para Cursos em Centros de Formação Técnica, com internato, onde continuam o curso geral até à décima segunda, a excelente vantagem de passar à Universidade, como alguns, poucos até agora, já fizeram, foi uma actividade deste início de ano. Com os do ano passado e deste, ao todo vinte e cinco.

Dias intensos. Com o apoio de dois professores nossos, eles também formados em internatos e agora já licenciados, mais um enfermeiro com dez anos de trabalho na área de saúde. Programa com temas ajustados à vida fora desta Casa, onde foram criados. Foi distribuída a cada, uma quantia para administrarem a alimentação diária. A limpeza da casa e da roupa, o cozinheiro do dia, foi responsabilidade deles. No regresso prestaram contas escritas de todos as despesas. É que o dinheiro vai ser repassado para eles mensalmente via bancária e é importante que cada um saiba o que pode fazer.

Também os novos chefes, dois dias em Maelane e dois no Seminário Menor na Matola, estes acompanhados pelos antigos Chefes da Casa que se prestaram ajudá-los, conhecendo-se mutuamente. Foram preparados sobre a responsabilidade tão importante de acolher os seus irmãos mais novos, alguns acabados de chegar da rua ou de internatos infantis, tão carecidos de carinho, como de hábitos de trabalho. O princípio basilar de que somos uma família e o que pode ser feito por eles, ninguém mais o fará, prevalece. É uma infinidade de coisas pequeninas a que o chefe, no dia a dia, tem de estar atento. E assim ele e os seus rapazes vão crescendo para homens, sem darem por isso.

Os que entraram este ano, foram para o Bilene. Não para terem uns dias de praia, por sinal bem apetitosa, nestes dias ensolarados e sem chuva, mas para conviverem em grupo e ganharem o primeiro contacto com a realidade nova que é a Casa do Gaiato. O horário, o arrumar da casa, a oração da manhã, que nunca fizeram, a da mesa e o saber estar e comer, os momentos de ocupação útil e o chegar ao fim do dia cansados, é o começo da cura dos muitos males que trazem.

Alguns não se adaptaram e foi necessário abrir caminhos, para que alguém que nunca se assumiu como da família os acolhesse. Os dois que vieram da Cadeia feminina, e estiveram aqui no fim do ano



Moçambique: «O horário, o arrumar da casa, a oração da manhã, que nunca fizeram, a da mesa e o saber estar e comer, os momentos de ocupação útil e o chegar ao fim do dia cansados, é o começo da cura dos muitos males que trazem».

passado, sempre reclamaram as mães. Foram passar o Natal com elas. Mas quem conseguia trazê-los novamente? Veio o capelão e uma assistente social, acompanhá-los, mas o choro e por vezes até os gritos, não foram sequer abafados pelas guloseimas que lhes dávamos. Nem levados ao colo, acarinhados com beijos, abrandavam a revolta de os tirarem das mães. Só a promessa de os levar de volta os fazia calar e se apresentavam logo de manhã com as sacolas prontas. Estão os dois em idade escolar. A cadeia tem uma Creche, mas não escola. Que vai ser deles? Chorar os nossos pecados e viver a amargura deste mundo intragável que rouba os filhos às mães. Fosse só um ou dois a chorar pelas suas mães! Ou só uma ou duas mães a chorar a amargura de lhes tirarem os filhos! Mas quantas, mil? Ou serão milhões? A dor só tem lenitivo para quem tem Fé. Para quem não tem, o sofrimento humano por mais injusto não ultrapassa a barreira do que parece ser a ordem natural das coisas e das pessoas. Só Cristo nos dá a resposta para tal e mesmo Ele não o quis evitar. Bebeu o fel do sofrimento até à última gota. Só por aí se chega à Vida onde não há mais fome de amor nem dor de separação. □